

## Public pleasures, private pain

### Description

Susana Piteira and Rietske van Raay

*"This permanent quest to distinguish between the internal or individual meaning and the circumstances of the object that is being spoken about plays the leading role in all philosophical discourses on art, the meaning of art and meaning per se (...). This quest presupposes a discourse on the border between the interior and the exterior of the cultural object, in this case, a discourse on demarcation."*

The Casa da Cerca's request that we produce a work of art related to public art for the building's former water-tank immediately raised the question of how to approach the work within a closed space: a concept that is intimately related to what is – or should be, in order to be public – accessible to all. This first apparent paradox became the starting point for this installation, where we tried to talk about the more intimate or private potential motivations that immediately become public in that their ultimate goal is to be exhibited to others. Much of the artwork in contemporary society – the part that is legitimised by the mainstream – accompanies and/or induces the idea of speed, as

## Prazeres públicos, sofrimentos privados

### Memória descritiva

Susana Piteira e Rietske van Raay

*"Esta exigência permanente - distinguir entre o sentido interno ou próprio e a circunstância do objecto de que se fala - protagoniza todos os discursos filosóficos sobre a arte, o significado da arte e o significado enquanto tal (...). Esta exigência pressupõe um discurso sobre o limite entre o interior e o exterior do objecto cultural, neste caso um discurso sobre a demarcação."*

A proposta, dirigida pela Casa da Cerca, de realizar um trabalho para a sua Cisterna que estivesse relacionado com a arte pública, levantou de imediato a questão de abordar num espaço fechado, um conceito relacionado em um primeiro momento com aquilo que é ou deve ser (para assumir o carácter de público), acessível a todos. Neste primeiro aparente paradoxo assentou o início do desenvolvimento da presente instalação: tentar falar das possíveis motivações mais íntimas – privadas – que logo se tornam públicas no sentido em que o seu fim último é exporem-se aos outros. Uma boa parte da produção artística da sociedade contemporânea (a legitimada pelo *mainstream*)

acompanha e/ou induz a ideia de rapidez, imposta pela cultura ocidental de cariz economicista, provocando uma forma de viver do agora e já, tornando todos os nossos actos e responsabilidades descartáveis, solicitando a cada momento que nos tornemos, antes de mais, produtos consumidores e consumíveis. Para tal, basta que aderamos aos padrões impostos pelo sistema de mercado.

A histeria do novo, na arte, acompanha a sua afirmação como actividade autónoma afastando-a definitivamente do seu carácter simbólico, da sua relação directa com o quotidiano e portanto, tornando-a algo de estéril uma vez afastada da sua função primordial e integradora.

Nesta contexto, a instalação multimédia que apresentamos, manifesta um carácter duplo de cumplicidades e oposições. Cumplicidades e oposições, no sentido em que, questionando a hipótese de continuar a utilizar *medias* tão tradicionais, melhor dizendo, antigos como a pedra, para a concretização plástica, ela, a pedra, dando corpo a um elemento horizontal e fraccionado (contrariando a lógica académica e histórica da própria escultura) incorpora nesta instalação, o seu lado mais conceptual, negando a sua tradição de objecto representativo ou mimético. O elemento escultórico em pedra, toma-se aqui, nos momentos de projecção das imagens vídeo sobre a sua superfície, suporte de representações, transportando-o definitivamente para outras categorias.

O vídeo, que se projecta sobre este elemento

imposed by the economic nature of western culture. This results in a "here and now" lifestyle, where all our acts and responsibilities are disposable and we are required, at every moment and above all else, to be both consumers and consumable. All we have to do is accept the models imposed by the free market system.

In art, the history of what is new accompanies its emergence as an autonomous activity, which distances it from its symbolic nature and from its direct relationship with daily life, thereby making it sterile as it has been removed from its original, integrating function.

Within this context, this multimedia installation reveals its dual nature of complicity and opposition. These appear in the sense that they question the potential continuation of using such traditional – or rather old – media as stone for artistic purposes. In this installation, stone is a horizontal and fragmented element, countering the academic and historical logic of sculpture itself and integrating its more conceptual aspect, rejecting its traditional interpretation as a representative or mimetic object. When video images are projected onto its surface, the sculpted stone here becomes a support for representation, definitively elevating it to other categories.

The video that is projected onto this sculpted element is naturally a non-object form of artistic expression, one that lies outside material form. In this case, it is this characteristic that is its representational, presentational and defining essence. In this work,

the video *is* the material element.

In this exhibition, the space of the former water-tank is transformed into another. By accepting a multimedia installation into itself, it becomes a part of that installation and assumes values that are held dear by current sculptural performance – the specific site and its potential mediating action.

A mirror awaits visitors as they go up the stairs that took them down into the former water-tank. They will have a second opportunity to see the images... or to see their own image!

## II

*der körper ist nur die form der seele  
the body is only the form of the soul*  
(Immanuel Kant, German philosopher, 1724-1804)

The stretched and pieced together skin of the marble reflects smooth, clean, soft and sensual human skin through the images projected onto its surface. It is the last layer between the "I" and the outside world, and the first means of contact with others. Visual contact makes the skin our calling card, the confirmation of our existence. Perfectly suited to a culture made up of instant images, our surface – our skin and the form of our bodies – can be read like a screen onto which our personality is projected.

The projected image is a celebration of the perfect body, a form of fondling the naked body, the hint of the pleasure that would come from touching and communicating with the portrayed being.

escultórico, associado naturalmente a uma forma de expressão artística não objectal, fora da matéria, subverte aqui, pela sua essência representativa/presentativa e modeladora, esse seu carácter. O vídeo é neste trabalho a matéria.

O espaço da Cisterna da Casa da Cerca, torna-se durante esta exposição, outro. Ao albergar a instalação multimédia faz parte integrante dela e reivindica valores caros à actuação escultórica actual - o sítio específico e a possibilidade de mediação.

Um espelho esperará o público ao subir as escadas que lhe deram acesso à Cisterna. Ai terá hipótese de um segundo confronto com as imagens... a sua própria imagem?!

## II

*der körper ist nur die form der seele  
the body is only the form of the soul*  
(Immanuel Kant, filósofo alemão, 1724 – 1804)

E na pele de mármore – esticada e retalhada – reflecte-se, porque nela é projectada, a pele humana, lisa, limpa, suave, sensual. A última camada entre o Eu e o mundo externo. Primeiro meio de contacto com os outros, o contacto visual torna-se a nossa apresentação, a afirmação da nossa existência. Perfeitamente adaptado à cultura feita de imagens instantâneas, a nossa superfície – a nossa pele e a nossa forma do corpo – pode ser lido como a tela, onde a nossa personalidade se encontra projectada.

A imagem projectada é uma celebração do corpo perfeito, um apalpar do nu, a sugestão do prazer que será tocar e comunicar com este ser retratado. Mas o que fazer quando se está infeliz no seu corpo? Quando se teme o contacto, por se considerar inapto?

A banda sonora será composta por uma entrevista com uma cirurgiã estética que lida diariamente com pessoas que sofrem, a maioria das vezes em silêncio, e lutam para se verem transformadas no seu próprio ideal – que é a imagem que querem que o outro tenha delas.

Os temas da conversa passam pelas técnicas aplicadas na cirurgia estética, os riscos inerentes, as eventuais sequelas e as motivações das pessoas que a procuram. A cirurgia estética como a via dolorosa para a forma ideal. A cirurgiã faz uma ferida visível a fim de curar uma ferida invisível. A pessoa sujeita-se a passar pelo sofrimento para atingir a harmonia na vida, à procura de um encontro consigo próprio, através da sua própria superfície. Corpos formados para serem apresentados ao público. Arte pública numa aplicação extrema.

Assim, numa justaposição com a imagem do corpo ideal, ouvimos o outro lado da medalha. Entretanto vemos sobrepostos imagens médicas, tiradas ao longo do processo da operação plástica. São imagens documentais, não especificamente criadas para esta instalação.

Em toda a sequência, que é uma construção sobre um ideal, uma ideia artificial, o documental serve

What can we do when we're not happy inside our bodies, when we fear contact as we feel that our bodies are not right?

The soundtrack consists of an interview with a cosmetic surgeon whose daily life involves dealing with people who suffer, mainly in silence, and struggle to see themselves metamorphosed into their ideal: the image that they want others to have of them.

The interview covers the techniques used in cosmetic surgery, the inherent risks, potential side effects and the reasons that lead people to undergo this operation. Cosmetic surgery is seen as a *viam dolorosa* to achieve the ideal form. The surgeon makes a visible wound in order to cure a hidden wound. The patients agree to suffer pain so as to achieve harmony in life, seeking to come into contact with themselves via their own surfaces. These bodies are moulded so they can be shown to the public – an extreme application of public art.

Hence, in juxtaposition with the image of the perfect body, we hear the other side of the coin. Meanwhile, we see superimposed medical images – documentary images that were not specifically created for this installation – taken during the entire process of the cosmetic surgery.

Throughout the sequence, which is a construction about an ideal or an artificial idea, the documentary aspects act as a counterbalance. We see a record of a form of struggle that uses the body as a means of expression. We could almost call it body art, an

art that is not reserved for an elite group, but is instead a day-to-day art that we can see in the street. It passes by without us even really noticing it, but it still shapes our perception of the surroundings.

That is also why the installation's sound environment – not just during the darkened period when the projection takes place, but also the lit period when we look exclusively at the surface of the sculpture – is modelled. The spectator hears an audience, but never sees it. This recording of a theatre audience before the curtain is raised, when only a silent human mass can be heard, offers spectators another role that they can identify with. Are they mere spectators in this form of public art, or is that form designed to be appreciated by them and made in their image, turning them into an inspiration for the creation?

como contraponto. Vemos documentada uma forma de luta, que para se poder manifestar, utiliza o corpo como meio de expressão. Quase que podemos falar de arte corporal. Não é arte reservada a uma elite – é a arte da vida diária, que encontramos na rua e passamos sem olharmos bem para ela, mas que remodela a nossa percepção do meio envolvente.

Por essa razão também, o ambiente sonoro da instalação – não só do momento escuro, em que terá lugar a projecção, mas também do momento claro, em que se olha somente a superfície da escultura – será modelado. O espectador ouvirá a presença de um público sem nunca o ver. Através da gravação de uma audiência num teatro, antes do levantar do pano da cena, em que apenas ouvimos uma massa humana em silêncio, o espectador terá mais um papel com que se identificar. É um mero espectador desta forma de arte pública? Ou é para ser apreciado por si e à sua imagem, que a forma é concebida, tomando-se assim fonte da criação?

#### **Agradecimentos | Acknowledgements**

Pelo convite à | at the invitation of, Casa da Cerca e ainda a | and: Ana Isabel Ribeiro, Catarina Rosendo, Maria de Fátima Lambert, Francisco Laranjo, António Ferraz de Menezes, Joaquim Borrego, Oficina de Cantaria José Manuel Pernas, Rui Gomes, Paulo Pacheco, Maria Afonso, Clínica Nutricorpus, Thierry van Raay, Jan van Raay, João Carlos Marques, Centro Dramático de Évora e | and Rádio Voz da Planície.

#### **Execução técnica | Production**

Rietske Van Raay, Susana Piteira e Oficina de Cantaria José Manuel Pernas, Vila Viçosa e | and António Menêzes Produções Multimédia.